

---

## A CRÔNICA DE RUBEM BRAGA: OS TRÓPICOS EM PALIMPSESTO

---

EDUARDO F. COUTINHO\*

---

### RESUMO

Este texto compõe-se de dois eixos principais: a crônica como gênero literário e seu papel no contexto da literatura brasileira, e a crônica de Rubem Braga, autor que se consagrou no quadro dessa literatura exclusivamente pela produção de obras do gênero. Na primeira parte estudam-se as origens e desenvolvimento da crônica, suas relações com a História e o Jornalismo, e o seu papel na literatura brasileira, contestando-se um tipo de crítica mais tradicional que via o gênero como “arte menor”; e na segunda parte, a produção de Rubem Braga, marcada por forte dose de lirismo, por uma linguagem bastante coloquial e descontraída e pela recorrência de temas extraídos do cotidiano da vida brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** crônica, literatura brasileira, Rubem Braga.

---

“Com Rubem Braga ocorreu um fato singular. Ele foi o único escritor brasileiro dos maiores que entrou para a história literária exclusivamente como cronista. Extraordinário escritor, extraordinário cronista. Unindo o fato cotidiano, sem importância, uma paisagem, o vôo de um pássaro, a beleza da mulher, [...] ele realizava verdadeiras obras-primas de estilo e encantamento artístico. Era um verdadeiro mago da palavra, que sabia manejar como poucos, enriquecendo os leitores com o lirismo de suas impressões. Era um impressionista [...] Era um poeta finíssimo em pura prosa. Graças à sua poesia, as crônicas que escreveu ficarão em nossa literatura como contribuição absolutamente original e imorredoura [...] Nisso foi grande. E tornou o gênero um grande gênero, que muito honra a nossa literatura como um gênero rico, típico, específico, por assim dizer, parente dos *essays* ingleses de um Lamb, um Coleridge, um Chesterton. Rubem deu força ao gênero, tornou-o da mais alta dignidade literária, com a beleza de seu estilo, a singeleza de sua palavra mágica. Grande escritor, dos maiores de nossas letras modernas.” (Afrânio Coutinho, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 30/12/1990)

---

\* Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
E-mail: coutinho@imagelink.com.br

## CRÔNICA: ORIGENS E DESENVOLVIMENTO

O significado tradicional da palavra “crônica” decorre de sua etimologia grega (*khronos* – tempo): é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica. Foi o feito que assumiu a historiografia na Idade Média e no Renascimento em todas as partes da Europa (Ex: as crônicas de Fernão Lopes). Foi esse o sentido que prevaleceu até hoje nos vários idiomas europeus, com exceção do português. Do século XIX para o presente, o termo sofreu uma transformação, passando a significar um gênero literário específico, associado ao jornalismo. Nas palavras de Afrânio Coutinho, é um “gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. São pequenas produções em prosa, com essas características, aparecidas em jornais ou revistas” (COUTINHO, 1999, v. 6, p. 121). A princípio, no século XIX, chamavam-se as crônicas “folhetins”, estampados em geral em rodapés dos jornais (feuilletons).

## DA HISTÓRIA À LITERATURA

A crônica evoluiu, passando de um gênero histórico a literário, mas conservou sua função de escrita do tempo, presente na própria etimologia do termo. O cronista do passado tinha a função de registrar, com o máximo de fidelidade possível, o tempo que estava sendo vivido, época em que não existiam jornais e cabia aos reis zelar pela memória dos acontecimentos considerados importantes. O cronista literário, da era do jornal, deixa de assumir como tarefa principal o relato supostamente objetivo dos fatos para dar vazão a sua própria subjetividade, ao comentário pessoal, ainda que mantendo em comum com o primeiro o desejo de condensar através da escrita o tempo vivido. Assim, enquanto o cronista histórico procurava registrar os fatos que determinaram transformações significativas na vida

social, o literário se volta para os acontecimentos simples, do dia-a-dia da vida. O cronista literário deixa, assim, de ser o intérprete da visão das classes dominantes, para ser o porta-voz dos sentimentos do homem comum, fazendo da crônica o relato de fatos e episódios que a historiografia tradicional não registrava. A crônica, como a história, embora de modos diversos, se constituem como uma escrita memorialística – os cronistas e os historiadores são autores e intérpretes da memória coletiva –, mas o cronista representa um ser coletivo com quem nos identificamos e através de quem procuramos vencer as limitações de nosso olhar. A crônica, ao conservar o seu perfil histórico, faz recordar a velha acepção do termo, evocando a tarefa do cronista medieval, narrador de outrora e precursor do historiador moderno, mas o cronista atual é o historiador do cotidiano, aquele a quem cabe, para empregar a expressão de Antonio Candido, registrar a vida “ao rés-do-chão”.

#### A CRÔNICA E O ENSAIO

Considerada um gênero ensaístico, a crônica moderna acha-se muito próxima do ensaio, gênero antigo, já cultivado pelos gregos e romanos, mas que se firmou modernamente a partir dos *Essais*, de Montaigne, publicados em 1596. Etimologicamente, o termo expressa a idéia de “tentativa”, “inacabamento”, “experiência”, definindo-se como uma “dissertação curta e não metódica, sem acabamento, sobre assuntos variados em tom íntimo, coloquial, familiar” (COUTINHO, 1999, v. 6, p. 118). Embora consolidado por Montaigne, o ensaio encontrou terreno fértil na Inglaterra, disseminando-se através de figuras como Bacon, Browne, Lamb, DeQuincey, Carlyle, Coleridge, Macauley, Pater, Ruskin e Chesterton, e foi também bastante cultivado por espanhóis, como Unamuno e Azorín.

O estilo do ensaio é muito próximo da maneira oral ou do pensamento que é captado no próprio ato e momento de pensar. É, nas palavras de Afrânio Coutinho (1999, v. 6, p. 118),

um breve discurso, compacto, um compêndio de pensamento, experiência e observação [...] uma composição em prosa (há exemplos em verso), breve, que tenta (ensaia) ou experimenta, interpretar a realidade à custa de uma exposição das reações pessoais do artista em face de um ou vários assuntos de sua experiência ou recordações. [...] Não possui forma fixa. [...] Curto, direto, incisivo, individual, interpretativo, o ensaio exprime uma reação franca e humana de uma personalidade ante o impacto da realidade. Gênero elástico, flexível, livre, permite a maior liberdade no estilo, no assunto, no método, na exposição. Forma de literatura criadora de imaginação, o ensaio [...] difere por isso da tese, monografia, tratado, artigo etc., que têm sentido objetivo, impessoal, informativo.

Quanto ao assunto, o ensaio pode ser de tipos diferentes, predominando o que os ingleses designam de *informal*, ou irregulares, e *familiar*, ou pessoais. Mais modernamente, porém, o ensaio tem perdido o sentido original de tentativa e tem-se desenvolvido freqüentemente em sentido oposto, principalmente no meio acadêmico. É o que os ingleses vêm designando de *formal essays*, ou seja, são os ensaios que oferecem conclusões sobre os assuntos, após discussão, análise e avaliação; em outras palavras, são os textos críticos, históricos, políticos, filosóficos etc., a que melhor caberia a designação de “estudos” do que propriamente de “ensaios”. No Brasil, a prática vem restringindo o uso da palavra “ensaio” ao segundo tipo, tornando-o sinônimo de “estudo”, e vem reservando ao primeiro a denominação de “crônica”.

#### A CRÔNICA E O JORNALISMO

A crônica, no sentido moderno do termo, nasce do folhetim, que, por sua vez, é originário da França. No início do século XIX, o *feuilleton* designa um lugar específico do jornal, o rodapé (*rez-de-chaussée*), geralmente localizado na primeira página, e que tinha uma finalidade definida: o entretenimento. Era um espaço onde se contavam piadas, falava-se de eventos do dia, apresentavam-se charadas, ofereciam-se receitas de

cozinha ou de beleza, e comentavam-se as últimas novidades: peças teatrais, livros etc. Com o passar dos tempos, esse espaço começa a abrigar também críticas de teatro, resenhas de livros e variedades, e se estendem dos jornais diários às revistas periódicas. Mais tarde, na década de 1830, época em que a prosa de ficção estava em voga, o folhetim lança uma novidade, a ficção em fatias, ou, mais precisamente, em tiras, no jornal diário. É o início do romance-folhetim, ou romance publicado em pedaços, marcado pela fórmula “continua amanhã”, elemento de grande sensacionalismo, que deslocou a seção *Variétés* para rodapés internos. Na década de 1840, o romance-folhetim consolida-se com figuras como Alexandre Dumas e Eugène Sue, e, a partir daí, irá sofrer várias transformações, através dos novos meios de comunicação que vão surgindo, passando pelo cinema e pelo rádio e, finalmente, chegando à televisão, onde veio a gerar a telenovela, o folhetim eletrônico.

No Brasil, o folhetim teve influência notável na história da literatura, seja publicando as primeiras manifestações da ficção no gênero romance, seja divulgando e criando gêneros novos, como o conto e a crônica. No primeiro caso, basta citar romances como os de Alencar, Macedo e Manuel Antônio de Almeida, que surgiram sob a forma de folhetim e se erigiram como obras significativas do cânone literário brasileiro. E no segundo caso, fixemo-nos no surgimento da crônica, gênero ligado aos *faits divers* do jornal e que acabou tornando-se uma das expressões mais populares da literatura brasileira. A crônica aparece no Brasil em meados do século XIX, exatamente quando os jornais evoluem para um tipo especial de empresa industrial. Ela vem a incorporar-se aos hábitos da imprensa brasileira com a sua modernização, quando são adotadas técnicas como a ilustração a pena e os clichês fotográficos e o jornal se enriquece de atrativos, aumentando o seu número de páginas. A crônica destinava-se a condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana ou do mês, tornando-se assimilável a todos os paladares. Visava sobretudo ao mundo feminino e criou, em conseqüência, um ambiente de finura e civilidade, na imprensa,

que exerceu sensível efeito sobre o progresso e o refinamento da vida social brasileira.

Mesclando aspectos do jornalismo com aspectos da literatura, a crônica desse período transitava entre os anais da história e a ficção literária, e é este traço fundamental que ela ostenta ainda hoje. Para Alencar, um dos primeiros cronistas brasileiros, ela pertencia ao jornalismo por ser informativa e muitas vezes crítica, mas, em diversos momentos, o literário ocupava a cena, suplantando o que era apenas referencial. E para Machado, outro grande cronista do século XIX, a íntima afinidade entre o jornal e a literatura é justamente o que desenha as saliências fisionômicas do novo gênero. Tanto Alencar quanto Machado viram o jornal como o veículo de expressão privilegiada para o cronista, proporcionando-lhe todas as possibilidades de exercitar o estilo, e se excederam buscando uma linguagem adequada aos seus propósitos.

Por sua relação com o jornalismo, a crônica literária herdou dele alguns de seus traços básicos, como a sua precariedade ou transitoriedade, o seu apego ao cotidiano, a sua aparência de simplicidade – o que não quer dizer, observe-se de passagem, um desconhecimento dos recursos artísticos –, a sua urgência, a sua concisão e caráter de síntese, o seu coloquialismo e uma sintaxe mais próxima da língua falada, da oralidade, o seu cunho de diálogo com o leitor e a sua variedade de assuntos. No entanto, enquanto o jornalismo tem no fato o seu objetivo, seja para informar divulgando-o, seja para comentá-lo dirigindo a opinião, para a crônica o fato vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, do qual o cronista retira o máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito, de sua graça, de suas faculdades inventivas.

#### A CRÔNICA NÃO É UMA ARTE MENOR

Em função dos traços acima mencionados, decorrentes em grande parte de sua relação com o jornal, a crônica foi tida por uma crítica mais

conservadora como um “gênero menor” e foi freqüentemente encarada com desconfiança pelos construtores do cânone literário brasileiro. Não há dúvida de que a crônica é ao mesmo tempo um gênero híbrido, um misto de jornalismo e literatura, anfíbio, uma vez que tanto vive no jornal e nas revistas quanto nas páginas de um livro, e camaleônico, porque desafia as limitações dos gêneros literários e muda facilmente de feição, mas isso não a torna um gênero secundário ou menos expressivo. E se tomarmos os traços apontados como próprios de sua constituição, veremos que a restrição da crítica não tem base de sustentação. É assim que Afrânio Coutinho, reagindo a essa postura, afirma que “a crônica, na história de nossa literatura, alcançou um desenvolvimento, uma categoria e uma popularidade que fazem dela uma forma literária de requintado valor estético, um gênero específico e autônomo, a ponto de ter induzido Tristão de Athayde a criar o termo ‘cronismo’ para a sua designação geral” (COUTINHO, 1999, v. 6, p. 135).

A precariedade ou transitoriedade de que a crônica foi freqüentemente acusada por ser filha do jornal foi contestada por Antonio Candido quando afirmou no ensaio “A vida ao rés-do-chão” que, “quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava” (CANDIDO, 1992, p. 14-15). E de fato, se imaginarmos a quantidade de livros de crônicas que povoam cada vez mais a literatura brasileira, somos levados a concordar, acrescentando, com Eduardo Portella, que “este tipo de narrativa não é tão desprezioso quanto aparenta ser, adquirindo, pois, uma característica que é essencial à arte: a permanência” (PORTELLA, 1977, p. 23-29). A crônica não pretende inscrever-se no reino das “altas literaturas”, mas, ao contrário, calcar-se no cotidiano, registrando o circunstancial; por isso, a sua perspectiva não é, como afirma mais uma vez Antonio Candido, “a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão” (CANDIDO, 1992, p. 14). No entanto, é preciso observar que a aparência de simplicidade não quer dizer desconhecimento dos recursos artísticos. Ao contrário, a crônica sempre foi marcada por

forte preocupação estética e vem, graças a isso, conquistando um espaço cada vez mais expressivo no âmbito da literatura brasileira.

A urgência da crônica e a sua concisão, o seu caráter de síntese, próprios do jornal, tampouco fazem da crônica um “gênero menor”. É verdade que Alencar, um dos primeiros cultores do gênero no Brasil, intitulou a seção do *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, onde escrevia crônicas alternadamente com Manuel Antônio de Almeida no período de 1854 a 1855, de “Ao correr da pena”, sugerindo a rapidez com que tinha que produzir seus textos, mas a leitura dessas crônicas posteriormente publicadas em livro deixam claro que a premência do tempo não afetou o seu vigor estético. Do mesmo modo, a concisão da crônica, o seu caráter de síntese, é antes uma qualidade do que um defeito do gênero, um ingrediente básico usado para interessar e prender o leitor. O cronista é aquele escritor que consegue unir a síntese do jornalismo à arte literária; portanto alguém que controla seus recursos literários de modo a manter viva a atenção do leitor.

Como o cronista é o intérprete do cotidiano, do trivial ou banal, a linguagem que ele utiliza é quase sempre marcada por forte coloquialismo e por uma sintaxe em geral muito próxima da oralidade. A crônica emprega de preferência a linguagem da atualidade, não evitando nenhum modismo ou jargão, nem jogos de palavras que se formam para desaparecer pouco depois. A linguagem coloquial e até mesmo a gíria são temperos fundamentais na confecção de uma crônica e é nisto que reside em grande parte o êxito de alguns de seus cultores. O uso do coloquialismo tem sido tão relevante na crônica que esta tem inclusive contribuído, como bem salientou Álvaro Moreyra, para a diferenciação entre o português do Brasil e o de Portugal. E, do mesmo modo que a linguagem, o estilo da crônica tende também para as formas simples, e sobretudo para o tom comunicativo, de conversa, de bate-papo. Daí a sintaxe empregada, bem próxima da oralidade, e o caráter de diálogo, que aproxima informalmente o cronista e o leitor.

A variedade de assuntos é talvez de todos os aspectos da crônica o que mais a aproxima do veículo que lhe deu origem, o jornal, mas é

também um dos que mais contribuem para o seu cunho literário. Servindo-se do trivial, do dia-a-dia da vida, o cronista desenvolve reflexões que vão desde comentários banais até um mergulho filosófico sobre a situação do homem no mundo. E não falta à crônica preocupação social, filtrada pelo viés poético de um observador e crítico atento, que busca, com humor mordaz, denunciar o contexto em que vive. Em sua aparente simplicidade e com a atenção voltada para o “miúdo” da vida, o cronista vai retratando o espírito de seu tempo, e oferece ao leitor fragmentos metonímicos de sua situação no mundo. Seu universo, composto de fragmentos, se estende do registro do vôo de um pássaro ou do desabrochar de uma flor à mais densa reflexão sobre o estar no mundo, e com sua pena ele constrói, como um *flâneur*, a memória de seu tempo e lugar. Aliás, como este último, o cronista é, sobretudo, o observador da cidade, que ele capta em fragmentos no seu aqui e agora.

#### O SURGIMENTO DA CRÔNICA NO BRASIL

A crônica brasileira propriamente dita surgiu sob a égide do Romantismo, o que lhe garantiu o tom lírico que se tornou uma de suas principais marcas. O primeiro cronista no moderno sentido do termo foi Francisco Otaviano, que publicou em folhetim do *Jornal do Comércio*, em 1852, e manteve também uma coluna em folhetim do *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro até 1854. Mas foi José de Alencar quem imprimiu nesse período à crônica sua mais alta categoria intelectual, quando substituiu o primeiro nesse último periódico, registrando, como afirmou Artur Mota (apud COUTINHO, 1999, v. 6, p. 125), “os fatos da semana, desde um simples incidente policial até os acontecimentos da guerra do Oriente”. Em seguida a ele, Machado deixou numerosa e interessante bagagem de crônica em que se refletem acontecimentos do mundo e episódios da sociedade fluminense, tendo atingido a mais alta perfeição no gênero. No Naturalismo, a crônica sofreu alguns ataques por parte da crítica, infensa à estética expressa nos folhetins, em que se

misturavam a fantasia e a realidade; mas ainda no final do século XIX o gênero assumiu um teor artístico com Raul Pompéia, Coelho Neto, e principalmente Bilac, que conferiu nova fisionomia ao gênero, ao concentrar seus comentários em determinado fato, acontecimento ou idéia. Sob o influxo do Parnasianismo, a crônica pecava pelo rigor da forma, enquanto os simbolistas praticavam o inconveniente oposto, condicionando os fatos a divagações de cunho subjetivo.

Por essa época surgiu Paulo Barreto, conhecido pelo pseudônimo de João do Rio, a quem cabe sem dúvida alguma o qualificativo de iniciador da crônica social moderna no Brasil. Narrando ou comentando os fatos a seu modo e produzindo história social através da crônica, João do Rio representou à época a mais ousada tentativa para elevar a crônica à categoria de um gênero não apenas influente, mas também dominante. Depois dele, contudo, foi preciso que viesse o Modernismo para que a crônica pudesse adquirir feição correspondente às solicitações e ao ritmo do momento. Nesse meio tempo, houve figuras como Álvaro Moreyra, que influenciaram as primeiras gerações do Modernismo, mas só mesmo com Alcântara Machado e seu estilo anti-acadêmico é que o gênero irá tomar novos rumos. O grande desenvolvimento da crônica ocorrerá, contudo, no período pós-1930, quando surgem os grandes expoentes do gênero, que o consolidam como uma expressão fundamentalmente brasileira: Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Marques Rebelo, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Rubem Braga, Sérgio Milliet, José Lins do Rego, Brito Broca, Rachel de Queiroz, Eneida, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, entre outros. E a essa plêiade seguiu-se outra mais recente, composta por Fernando Sabino, Ledo Ivo, Paulo Mendes Campos, José Condé, Antônio Olinto, José Carlos Oliveira, Antônio Maria, Sérgio Porto, Oto Lara Resende e Affonso Romano de Sant'Anna.

Fixando o momento que passa com suas descontraídas emoções e registrando desde páginas de memória, lembranças de infância, flagrantes do cotidiano e comentários sobre episódios políticos ou sociais,

até reflexões de teor metafísico, a crônica não só se impôs no Brasil como um dos gêneros mais amplamente divulgados e apreciados por todos os gostos, como assumiu um caráter *sui generis*, a ponto de levantar a questão: seria ela uma expressão literária fundamentalmente brasileira? Não há dúvida de que o gênero, como o entendemos hoje, é proveniente da França novecentista, mas, na verdade, não é demais afirmar que, se não fomos nós que o inventamos, na sua passagem para os trópicos, o transformamos de tal modo que lhe demos uma feição antes não imaginada pelos franceses. A crônica, na história da literatura brasileira, firma-se como um gênero complexo, perfeitamente adequado à rapidez do presente, que expressa ao mesmo tempo a visão pessoal do autor e o espírito de seu tempo, e que sociabiliza a literatura ao veiculá-la através de jornais e revistas, bem como de livros.

#### RUBEM BRAGA, CRONISTA EXCLUSIVO

É tal a importância da crônica no quadro geral da literatura brasileira que se observa o fato singular de um escritor entrar para a história dessa literatura exclusivamente como cronista. É o caso de Rubem Braga, de todas as figuras de cronistas do século XX aquela que mais atrai a admiração. Sua crônica ocupa lugar de destaque na história do gênero, podendo ombrear-se, como afirma Afrânio Coutinho, “com os melhores das letras inglesas, na linha do que se conhece como o *familiar essay*” (COUTINHO, 1999, p. 370).

Em sua tentativa de classificação da crônica brasileira em *A Literatura no Brasil*, Afrânio Coutinho se refere a cinco tipos mais frequentes e inclui Rubem Braga no que designa de a “crônica poema em prosa”, “de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado” (COUTINHO, 1999, v. 6, p. 133). A técnica de Braga é dar aparência de pouco apreço aos fatos do mundo real, escolhendo-os como pretexto para a divagação pessoal. Ele é, ainda segundo o crítico,

“seguramente o mais subjetivo dos cronistas brasileiros. E o mais lírico. Muitas de suas crônicas são poemas em prosa. Apresentando a originalidade de uma imaginação poética e erradia, Rubem Braga, em seu lirismo, escreve sem ornatos e alcança às vezes a simplicidade clássica, numa língua despojada, melodiosa, direta” (COUTINHO, 1999, p. 133). Na mesma linha, Antonio Candido também afirma que Rubem Braga é “o mais poeta dos prosadores do Modernismo, enquanto é o primeiro a elevar a crônica ao nível da mais alta categoria literária, colocando-a acima dos seus compromissos freqüentes com o contingente ou momentâneo” (apud GOMES, 1991, p. 25). E complementa: “Rubem Braga foi o maior cronista lírico do cotidiano brasileiro. Atento, observador, preciso, artesão da palavra, era às vezes onírico e impressionista, às vezes pragmático e seco, outras vezes ainda terno e sentimental” (apud GOMES, 1991, p. 31).

Não há dúvida de que o lirismo é um dos principais componentes da crônica de Rubem Braga, a ponto de atravessar a sua produção do princípio ao fim. E este lirismo é a expressão de sua apreensão do cotidiano, impregnado de sentimento, de emoção. Rubem Braga parte de um fato banal e o transfigura, produzindo em linguagem coloquial, em linguagem, como diria Guimarães Rosa, de “em dia de semana”, páginas literárias da melhor qualidade. Sua sintaxe, freqüentemente próxima da oralidade, e seu vocabulário corrente, do dia-a-dia, impregnado de expressões coloquiais, dão o tom de sua escrita. Com o ar de quem está simplesmente divagando, e em tom de conversa fiada, mas a que não falta boa dose de humor, ele vai discorrendo naturalmente sobre um fato e outro, transmitindo impressões e comentários, e vai mergulhando a fundo nos sentimentos dos homens, chegando a tecer muitas vezes críticas sociais contundentes. Daí dizer-se, como disse uma vez Davi Arrigucci Jr. (1979, p. 249), que “Rubem Braga é um autor de acesso fácil e imediato para quem o lê, mas extraordinariamente difícil para quem quer falar criticamente do que leu”.

Em Rubem Braga, o autobiográfico se alia à notícia, ou, como diz Eduardo Portella (1977, p. 86), “soluciona a ausência da notícia”. A

personalidade humana, o seu universo interior, são os seus problemas, o mundo da sua crônica. Daí o timbre intimista, subjetivo, que por vezes caracteriza a sua arte. Mas Rubem Braga não é só lírico. Poeta lírico e narrador em grau elevado, a força de sua crônica parece residir no fato de que, para ele, cada pessoa, cada coisa, tem ainda história, uma história que ele contempla sob a perspectiva do que passa; donde a doce ironia e o tom melancólico de seus escritos. Os assuntos para as crônicas de Rubem Braga vêm de toda a parte: da observação de um pé de milho ao apego à terra, às formas elementares da vida, à infância, da realidade cotidiana e dos jornais à memória e à tradição. E em tudo isso o que conta é a captação do instante, como bem observou Davi Arrigucci Jr.: “momentos epifânicos em que um raio corta o espírito, os lampejos se cristalizam em imagens, germes de um possível mito” (ARRIGUCCI JR., 1979, p. 252). Ao narrá-los, ele os reatualiza e arranca à corrente do tempo. Mas Braga recolhe seus momentos epifânicos num estilo humilde, oriundo do cotidiano, e nisso reside em parte a sua grandeza: a sabedoria com que nos fala de coisas elevadas de modo simples.

Abordando temas os mais diversos, inspirados pelo momento, e tratando de coisas por vezes bastante densas sem nenhuma ostentação, Braga cativa o leitor de todos os tipos, do mais simples apreciador de jornal e revistas ao leitor de livros, e suas crônicas destacam-se tanto num plano quanto no outro. Daí a observação, bastante procedente de Flávio Loureiro Chaves, de que, acima do aspecto jornalístico, há um outro lado da atualidade de Rubem Braga. De fato, suas crônicas, lidas em conjunto, formam, em suas palavras, “um texto único, maciço e coerente, um verdadeiro *corpus* literário dotado de notável autonomia, já totalmente liberto da realidade imediata que lhe deu origem” (apud FRANCHETTI e PÉCORA, 1980, p. 83). Nas crônicas de Rubem Braga, há uma recorrência dos mesmos temas, como, por exemplo, o do amor, tratado por perspectivas as mais diversas, como observou Luiz Carlos Simon em seu texto “Recuperando o amor com as crônicas de Rubem Braga” (SIMON, 2004), e o da memória da infância, que opera lado a lado ao registro da vida na cidade, ambos profundamente marcados pelas

tonalidades tropicais, que dão ao conjunto de sua obra um sentido de palimpsesto. Há a ressonância também de indagações existenciais que insistem sobre os mesmos pontos, apagando e reacendendo notas que atuam como *leitmotivs* na mente do leitor. No fundo, a crônica de Rubem Braga é, como afirmou ainda Loureiro Chaves, “uma só – a narrativa da solidão; e os diversos textos que a compõem, produzidos em diferentes momentos, podem ser lidos como fragmentos dum mosaico, que retratam a multiplicidade do real, mas convergem sempre para esse tema medular” (apud FRANCHETTI & PÉCOR, 1980, p. 83).

RUBEM BRAGA’S “CRÔNICAS”: THE TROPICS IN PALIMPSEST

ABSTRACT

This text is centered upon two main axes: the idea of the “crônica” as a literary genre and its role in the context of Brazilian literature, and the “crônica” produced by Rubem Braga, an author that has entered the canon of Brazilian literature exclusively as a writer of the genre. In the first part, we study the origin and development of the “crônica”, its relationship with History and Journalism and the role it has played in the cadre of Brazilian literature; and, in the second part, we focus on Rubem Braga’s production, particularly on its lyricism, its colloquial and informal style and the recurrence of its themes based on Brazilian everyday life.

KEY WORDS: crônica, brazilian literature, Rubem Braga.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. Onde andar o velho Braga? *Encontros com a civilizao brasileira*, n. 12. Rio de Janeiro: Civilizao Brasileira, 1979. p. 249-256.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rs-do-cho. In: \_\_\_\_\_. et al. *A crnica: o gnero, sua fixao e suas transformaes no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundao Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

COUTINHO, Afrnio. Ensaio e crnica. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A literatura no Brasil*. 5. ed., So Paulo: Global, 1999, v. 6. p. 117-142.

FRANCHETTI, Paulo; PÉCOR, Antônio (Orgs.). *Rubem Braga*. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. São Paulo: Abril Educação, 1980.

GOMES, Danilo. *Em torno de Rubem Braga*. Brasília: Signo Editora, 1991.

PORTELLA, Eduardo. *Dimensões I. Crítica literária*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1977.

SIMON, Luiz Carlos. Recuperando o amor com as crônicas de Rubem Braga. *Gragoatá*, n. 17, 2º sem. 2004, p. 193-213.

